

Construções: uma nova abordagem teórica para a linguagem¹

Adele E. Goldberg²

Tradução: Jéssica Aguirre³

Revisão da tradução: Rosalia Neumann Garcia⁴

Revisão técnica: Márcia Cristina Zimmer⁵

Nos últimos 10-15 anos, emergiu uma nova abordagem teórica da linguagem permitindo que observações linguísticas sobre pares de forma e significado, conhecidos como “construções”, sejam postuladas objetivamente. Abordagens construtivistas visam dar conta de toda a gama de fatos sobre a linguagem, sem partir do pressuposto de que um subconjunto particular dos dados é parte de um “núcleo” privilegiado. Pesquisadores dessa área afirmam que construções incomuns lançam luz sobre questões mais gerais e podem esclarecer o que é necessário para uma explicação completa da linguagem.

Construções – pareamentos de forma e significado – têm sido a base de grandes avanços no estudo da gramática desde os tempos de Aristóteles. Observações sobre construções linguísticas específicas moldaram nossa compreensão sobre as línguas específicas e a natureza da própria linguagem. Mas apenas recentemente uma nova abordagem teórica emergiu permitindo que observações sobre construções sejam feitas diretamente, fornecendo às tradições seculares uma estrutura que permite que tanto generalizações mais amplas como padrões mais limitados sejam analisados e contabilizados totalmente. Isso vai de encontro à abordagem “gerativa” predominante, que tem sido dominante nas últimas décadas, começando com Chomsky em 1957 [1].

1 Traduzido com a permissão da autora a partir do texto em inglês GOLDBERG, A. E. *Constructions: A new theoretical approach to language*. *Trends in Cognitive Science*, vol.7, n.5, maio 2003.

2 Princeton University (Estados Unidos da América).

3 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

4 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

5 Universidade Católica de Pelotas, RS.

Muitos linguistas de diferentes formações recentemente convergiram em vários insights fundamentais, dando origem a uma nova família de abordagens, aqui referidas como abordagens “construcionistas” [2-23]. As abordagens construcionistas compartilham certas ideias básicas com a abordagem gerativista. Ambas perspectivas consideram essencial ver a língua como um sistema cognitivo (mental), admitem a provável existência de uma maneira de combinar estruturas para criar novos enunciados e reconhecem a necessidade de uma teoria não trivial do aprendizado da linguagem.

Em outros aspectos, abordagens construcionistas contrastam fortemente com a abordagem gerativista. Essa última defende que a natureza da linguagem pode ser mais adequadamente explicada por meio do estudo de estruturas formais independentemente de suas funções semânticas ou discursivas. Camadas crescentes de abstração caracterizaram as representações formais. Afirma-se que o significado é derivado do dicionário mental de palavras, com diferenças funcionais entre padrões formais sendo amplamente ignoradas. Padrões semirregulares e padrões incomuns são vistos como “periféricos”, com uma estreita faixa de dados considerada relevante para o “núcleo” da linguagem. A teoria gerativista argumenta ainda que a complexidade do núcleo da linguagem não pode ser aprendida indutivamente por mecanismos cognitivos gerais e, portanto, aprendizes devem ser dotados de princípios mentais inatos que são específicos à língua (“gramática universal”).

Princípios das abordagens construcionistas

Cada princípio básico descrito abaixo é compartilhado pela maioria das abordagens construcionistas. Cada um representa uma divergência substancial em relação à abordagem gerativista predominante e, em muitos aspectos, um retorno a uma visão mais tradicional da linguagem.

Princípio 1. Entende-se que todos os níveis de descrição envolvem pareamentos entre forma e função semântica ou discursiva, incluindo morfemas ou palavras, expressões idiomáticas e padrões frasais abstratos e completa ou parcialmente preenchidos lexicalmente. (ver tabela 1).

Princípio 2. Enfatizam-se aspectos sutis da forma como concebemos eventos e estados de coisas.

Princípio 3. Uma abordagem do tipo “o que você vê é o que você ganha” para a forma sintática é adotada: não são postulados nenhum nível subjacente de sintaxe ou quaisquer elementos fonologicamente vazios.

Princípio 4. Entende-se que construções são aprendidas a partir do input e de mecanismos cognitivos gerais (ou seja, são construídas). Além disso, espera-se que variem translinguisticamente.

Princípio 5. Generalizações translinguísticas são explicadas pelas restrições

cognitivas gerais juntamente com as funções das construções envolvidas.

Princípio 6. Generalizações específicas de uma língua em construções são capturadas via redes de sucessão tal como aquelas que foram postuladas para apreender nosso conhecimento não linguístico.

Princípio 7. A totalidade do nosso conhecimento sobre a linguagem é apreendida por uma rede de construções: uma “construct-i-con”.

Cada um desses princípios é explicado em uma sessão subsequente abaixo.

Construções: o que são

Construções são pareamentos armazenados de forma e função, incluindo morfemas, palavras, expressões idiomáticas, padrões linguísticos gerais, parcial ou completamente preenchidos lexicalmente. Exemplos são apresentados na tabela 1.

Tabela 1. Exemplos de construções do inglês, variando em tamanho e complexidade; forma e função são especificadas caso não estejam claras

Construção	Forma/exemplo	Função
Morfema	<i>e.g. anti-, pre-, -ing</i>	
Palavra	<i>e.g. Avocado, anaconda, and</i>	
Palavra complexa	<i>e.g. Daredevil, shoo-in</i>	
Expressão idiomática (completa)	<i>e.g. Going great guns</i>	
Expressão idiomática (parcial)	<i>e.g. Jog (someone's) memory</i>	
Construção [10] Covariação-Condiciona	Form: The Xer the Yer (<i>e.g. The more you think about it, the less you understand</i>)	Significado: variáveis dependentes e independentes ligadas
Construção Bitransitiva (objeto duplo)	Form: Subj [V Obj1 Obj2] (<i>e.g. He gave her a Coke; He baked her a muffin</i>)	Significado: transferência (pretendida ou real)
Passiva	Form: Subj aux VPpp (PPby) (<i>e.g. The armadillo was hit by a car</i>)	Função discursiva: Tornar o sujeito-passivo central e o agente não-central.

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, dado que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a

partir das partes que o compõem ou das construções existentes. Além disso, muitas abordagens construcionistas afirmam que padrões são armazenados mesmo se eles forem totalmente previsíveis, desde que ocorram com frequência suficiente [24-29].

Diferentemente da gramática gerativista, a perspectiva construcionista enfatiza a semântica e a distribuição de determinadas palavras, morfemas gramaticais e padrões frasais translinguisticamente incomuns. A hipótese por trás dessa metodologia é a de que uma descrição das ricas restrições formais complexas, semânticas e pragmáticas desses padrões prontamente se estende a padrões mais gerais, simples e regulares.

Como exemplo de padrão incomum, considere a construção de covariação condicional na Tabela 1 (por exemplo, na frase em inglês “The more you think about it, the less you understand” - Quanto mais você pensa a esse respeito, menos você entende). A construção é interpretada como envolvendo uma variável independente (identificada pelo primeiro sintagma) e uma variável dependente (identificada pelo segundo sintagma). A palavra “the” normalmente ocorre no início de um sintagma, seguida de um substantivo. Mas nessa construção ela requer um sintagma comparativo. Os dois principais sintagmas dessa construção não se enquadram nem na classificação de sintagmas nominais, nem na de orações. A exigência de que dois sintagmas desse tipo estejam justapostas sem conjunção é outro aspecto imprevisível do padrão. Uma vez que o padrão não é estritamente previsível, uma construção é postulada para especificar a forma particular e a função semântica envolvida [10].

Outras construções incomuns incluem as da tabela 2. Embora alguns dos padrões sejam utilizados primordialmente de forma coloquial, eles fazem parte do repertório de todo falante nativo de inglês (a construção da preposição solta é incomum não em virtude de ser prescritivamente preterida, mas por ser encontrada em apenas alguns idiomas germânicos).

Tabela 2. Construções produtivas ou semiproductivas do inglês que são incomuns entre línguas e devem ser aprendidas com base no input

Construção <i>time away</i>	<i>Twistin the night away</i> [13]
“ <i>What’s X doing Y?</i> ”	<i>What’s that fly doing in my soup?</i> [30]
Construção Nominal de Extraposição	<i>It’s amazing the difference!</i> [31]
Mad Magazine construction	<i>Him, a doctor?!</i> [32]
Construção Substantivo – Pronome – Substantivo (S P S)	<i>house by house; day after day</i> [12]
Construção da preposição solta	<i>Who did he give that to?</i>

Entende-se que padrões mais comuns como a passiva, a topicalização e as orações relativas são aprendidos como pareamentos de forma e função (semântica ou discursiva) – isto é, também são construções. Cada uma pareia determinadas propriedades formais com uma determinada função comunicativa.

Pode-se dizer que até mesmo padrões básicos de sentenças envolvem construções. Isto é, o verbo principal pode ser combinado com uma construção de estrutura argumentativa (por exemplo, construções transitivas, intransitivas, bitransitivas, etc.) [7]. A alternativa é supor que a forma e a interpretação geral de padrões básicos de sentenças são determinadas por informações semânticas e/ou sintáticas especificadas pelo verbo principal. Os padrões frasais dados em (1) e (2) na verdade parecem ser determinados pelas especificações de *give* e *put* respectivamente:

- (1) Chris gave Pat a ball.
- (2) Pat put the ball on the table.

Give (dar) é um verbo de três argumentos. O ato de dar requer três personagens: um doador (ou agente), um recipiente e algo dado (ou “tema”). Dessa forma, espera-se que apareça com três sintagmas correspondentes a esses três papéis. Em (1), por exemplo, Chris é o agente, Pat é o recipiente e uma bola é o tema. *Put* (pôr, colocar), outro verbo de três argumentos, requer um agente, um tema (objeto que sofre a mudança de local) e a posição final do movimento do tema. Ele aparece com três argumentos correspondentes em (2). No entanto, enquanto (1) e (2) representam, talvez, o caso prototípico, em geral a interpretação e a forma de padrões de sentença de uma língua não são fielmente determinadas por especificações independentes do verbo principal. Por exemplo, não é plausível alegar que *sneeze* (espirrar) tem um sentido de três argumentos, e ainda assim pode aparecer, tal como em (3). Os padrões de (4)-(6) também não são naturalmente atribuídos aos verbos principais:

- (3) ‘He sneezed his tooth right across town.’ (Robert Munsch, *Andrew’s Loose Tooth*)
- (4) ‘She smiled herself an upgrade.’ (Douglas Adams, *Hitchhiker’s Guide to the Galaxy*, Harmony Books)
- (5) ‘We laughed our conversation to an end.’ (J. Hart. *Sin Ivy Books*, New York)
- (6) ‘They could easily co-pay a family to death.’ (New York Times, 1/14/02)

Não são necessários exemplos particularmente inovadores para sustentar nossa ideia. Verbos geralmente aparecem com uma grande variedade de

configurações complementares. Considere o verbo *slice* (fatiar) e as várias construções nas quais ele pode aparecer (identificadas entre parênteses):

- (7)
- He sliced the bread. (transitivo)
 - Pat sliced the carrots into the salad. (movimento causado)
 - Pat sliced Chris a piece of pie. (bitransitivo)
 - Emeril sliced and diced his way to stardom. (forma de construção)
 - Pat sliced the box open. (resultado)

Em todas essas expressões, *slice* significa cortar com um instrumento afiado. São as construções de argumento-estrutura que fornecem a ligação direta entre forma de superfície e aspectos gerais de interpretação, como algo agindo sobre outra coisa (7a), algo causando movimento em outra coisa (7b), alguém com a intenção de causar na outra pessoa o recebimento de algo (7c), alguém se movendo para algum lugar (7d), alguém causando uma mudança de estado em algo (7e) [7, 33].

Portanto, as construções podem ser vistas como essenciais para efetivamente dar conta tanto de padrões especialmente complexos ou incomuns como de padrões de linguagem básicos e regulares.

As funções das construções

Diferentes formas de superfície são tipicamente associadas com funções semânticas ou discursivas ligeiramente diferentes. Tomemos como exemplo a construção “bitransitiva”, que envolve a forma Sujeito-Verbo-Objeto Direto-Objeto Indireto, como em (1), (8b) e (9b).

- (8)
- Liza bought a book for Zach.
 - Liza bought Zach a book.
- (9)
- Liza sent a book to storage.
 - Liza sent Stan a book.
 - ??Liza sent storage a book.

A forma bitransitiva evoca a noção de transferir ou “dar”. Isso contrasta com possíveis paráfrases. Por exemplo, enquanto (8a) pode ser usado para transmitir o significado de que Liza comprou um livro para outra pessoa porque Zach estava muito ocupado para comprá-lo ele mesmo, (8b) só pode significar que

Liza pretendia dar a Zach o livro. Da mesma forma, enquanto (9a) pode ser usado para implicar movimento causado a um local (causa-se a ida do livro ao depósito), o padrão bitransitivo requer que o argumento principal seja um ser animado, capaz de receber o item transferido (cf. 9b, 9c). Como fica claro a partir da consideração das paráfrases, a implicação de transferência não é um fato independente do uso das palavras envolvidas. Pelo contrário, a implicação de transferência vem da própria construção bitransitiva.

Outras interpretações para a construção bitransitiva também podem estar sistematicamente relacionadas com a noção de transferência, na medida em que implicam que a transferência ocorrerá se certas condições evocadas pelo verbo principal forem satisfeitas (10a), que a transferência *não* ocorrerá (10b) ou que a relação antonímica à de dar ocorre – a de tirar (10c). Mesmo exemplos como a expressão “*Cry me a river*” podem estar relacionados à noção de dar por meio de uma extensão metafórica [7].

- (10)
- Liza guaranteed Zach a book. (Se a garantia for satisfeita, Zach receberá um livro)
 - Liza refused Zach a book. (Liza causou a Zach o não recebimento de um livro)
 - Liza cost Zach his job. (Liza causou a Zach a perda de seu emprego).

Além das generalizações semânticas, também existem generalizações sobre propriedades de “estrutura de informação” da construção ou o modo como as suposições do falante a respeito do estado de conhecimento e consciência do ouvinte no momento da fala são refletidos na forma de superfície. Em especial, existe uma tendência estatisticamente confiável de o argumento destinatário já ter sido mencionado no discurso (frequentemente codificado por um pronome) em comparação com paráfrases preposicionais [9, 34, 35]. Fatos sobre o uso de construções inteiras, incluindo registro (por exemplo, formal ou informal), variações dialetais e assim por diante, também são apresentados como parte da construção. Pelo fato de especificarem uma forma de superfície e uma função correspondente, abordagens construcionistas fornecem uma maneira direta de explicar esses fatos.

A forma das construções

Para apreender as diferenças de significado ou propriedades de discurso entre formas de superfície, teorias construcionistas não derivam uma construção da outra, como é comum na teoria gerativista predominante. Uma expressão real ou “construído” tipicamente envolve a combinação de pelo menos meia dúzia de

construções diferentes. Por exemplo, a construção na figura 1a envolve a lista de construções indicadas na figura 1b.

Note-se que a “forma de superfície” não precisa especificar uma ordem particular de palavras, nem mesmo categorias gramaticais particulares, embora haja construções que de fato especificam essas funções. Por exemplo, a construção bitransitiva (presente na figura 1 e discutida na seção anterior) é caracterizada em termos de um conjunto de tipos de argumentos. A ordem explícita de argumentos na construção bitransitiva na figura 1 é determinada por uma combinação da construção de um sintagma verbal (SV) com a construção interrogativa, essa última permitindo que o argumento “tema” (representado por O quê) apareça na posição inicial da frase.

- (a) [What did Liza buy the child?]
- (b) 1. Liza, buy, the, child, what, did constructions (palavras)
 2. Construção Bitransitiva
 3. Construção Interrogativa
 4. Construção de Inversão Sujeito – Auxiliar
 5. Construção VP
 6. Construção NP

Figura 1. (a) Uma expressão, ou “construto”, que é uma combinação das construções apresentadas em (b), codificada por cores para as partes apropriadas da expressão (VP, VerbPhrase; NP, Noun-Phrase). Veja o texto para discussão

Construções podem ser combinadas livremente para formar expressões reais desde que não estejam em conflito. Por exemplo, a especificação da construção bitransitiva que requer um argumento destinatário animado entra em confronto com o significado de depósito em (9c) resultando na não aceitabilidade. A observação de que a linguagem tem um potencial criativo infinito [1, 36] é corroborada, então, pela livre combinação de construções.

Construções de aprendizagem

Segundo o quarto princípio, entende-se que as construções são aprendidas com base no input positivo e variam entre línguas. Essa ideia destaca uma grande diferença entre a maioria das abordagens construcionistas e a maioria das abordagens gerativistas predominantes, pois essas postulam que aprendizes devem ter enraizados os princípios específicos que capacitam a aprendizagem de uma língua, isto é, devem possuir uma “gramática universal” ([37]; ver também [21]).

Fundamentalmente, todos os linguistas reconhecem que uma ampla gama de construções semi-idiossincráticas existe em todas as línguas, construções essas

que não podem ser explicadas por princípios ou restrições gerais, universais e inatas (ver exemplo na tabela 2). A teoria gerativista postulou que essas construções existem apenas na “periferia” da linguagem, e que, portanto, não precisam ser o foco de teóricos da linguística ou da aprendizagem [37]. Por outro lado, as abordagens construcionistas centraram seu foco nessas construções afirmando que qualquer meio utilizado para aprender esses padrões pode ser facilmente estendido para dar conta dos chamados fenômenos “centrais”. Na verdade, os fenômenos centrais são, por definição, mais regulares e também tendem a ocorrer com maior frequência dentro de uma determinada língua. Portanto, a despeito de qualquer coisa, são provavelmente de mais fácil aprendizagem. Visto que todo linguista presumivelmente concordaria em que os casos “periféricos” e difíceis devem ser aprendidos indutivamente com base no input, as teorias construcionistas propõem que não há razão para supor que casos mais gerais, regulares e frequentes não possam ser aprendidos dessa maneira.

Na verdade, as teorias construcionistas afirmam que a linguagem *deve* ser aprendível a partir de input positivo em conjunto com habilidades cognitivas relativamente gerais [18, 29, 38], já que a diversidade e a complexidade observadas não abrem espaço para relatos que partem do princípio de que as variações translinguísticas podem ser caracterizadas em termos de um conjunto finito de parâmetros [37]. Pesquisas nessa área estão rapidamente ganhando impulso. Vários construcionistas têm feito jus à promessa de explicar como determinadas construções são aprendidas [26, 27]. Acontece que o input não precisa ser tão pobre como às vezes se supõe [39]; nota-se que processos analógicos podem ser viáveis uma vez que tanto a função quanto a forma são levadas em conta. [40, 41]; existem boas razões para se pensar que a gramática inicial das crianças é um tanto conservadora, com generalizações surgindo apenas lentamente [29, 42, 43]; e a habilidade de registrar probabilidades de transição e generalizações estatísticas no input tem se mostrado um poderoso meio pelo qual se aprendem certos tipos de generalizações [44].

Esta abordagem tem uma visão um pouco diferente da teoria gerativa predominante no que diz respeito ao que é universal sobre a linguagem. Linguistas falam de certas construções como existentes em muitas línguas, como a construção da voz passiva, a construção da oração relativa, a construção interrogativa e assim por diante. No entanto, duas construções em diferentes línguas podem ser identificadas como instâncias da mesma construção se, e somente se, sua forma e função forem idênticas, uma vez que outras construções na língua que podem diferir são descartadas. Na verdade, isso raramente ocorre, exceto em casos de história diacrônica compartilhada ou de contato entre línguas [20, 45, 46]. O que é realmente marcante é o grau em que as línguas humanas diferem umas das outras, uma vez que todas precisam expressar de certa forma os mesmos tipos de mensagens. Abordagens construcionistas antecipam essa ampla variabilidade através das línguas [47, 48].

Podemos entender o que realmente se busca com referências às “mesmas” construções em línguas não relacionadas como *tipos* de construções. Duas construções podem ser, por exemplo, do tipo passiva na medida em que elas partilham certas características formais e funcionais, mesmo que elas não sejam idênticas; ou seja, duas construções em diferentes línguas podem ser identificadas como instâncias do mesmo tipo de construção se e somente se apresentarem forma e função estreitamente relacionadas.

Generalizações translinguísticas

Uma pergunta motriz por trás de grande parte das pesquisas linguísticas é “o que é a tipologia de possíveis construções e o que a restringe?” Abordagens construcionistas recorrem frequentemente a explicações externas à gramática, como pressões funcionais universais, princípios icônicos e restrições de processamento e aprendizagem para explicar tais generalizações translinguísticas observáveis empiricamente. Por exemplo, certas generalizações sobre como forma e significado tendem a ser ligados ao longo das línguas podem ser explicadas por processos icônicos e analógicos [6, 35, 49 – 51]. Restrições em construções de dependência de longa distância (tradicionalis “restrições insulares”) parecem resultar em explicações processuais que levam em conta a função das construções envolvidas [19, 52 – 54]. Sugere-se que explicações processuais também possam explicar certas opções alternativas de ordem de palavras [55,56].

Mesmo entre linguistas gerativistas existe uma tendência a postular que muitas das restrições à linguagem – tradicionalmente vistas como necessitando recursos para estipulações inatas específicas à língua – podem na verdade ser explicadas por mecanismos cognitivos gerais. Por exemplo, o fato de todas as línguas parecerem ter categorias de substantivo e verbo (e possivelmente adjetivo) talvez possa ser explicado pela existência de categorias semânticas básicas correspondentes [57]. Em um artigo recente, Hauser, Chomsky e Fitch chegam a sugerir que a única capacidade inata específica à língua absolutamente necessária é a recursão, além de levantarem a questão de que mesmo isso pode vir a não ser específico para a linguagem [58] (ver também caixa 1. Questões para pesquisas futuras).

Generalizações intralinguísticas

Hierarquias de hereditariedade há muito tempo têm sido úteis para a representação de todos os tipos de conhecimento, por exemplo, nosso conhecimento de conceitos. A perspectiva baseada em construções captura generalizações linguísticas dentro de uma determinada língua através do mesmo

tipo de hierarquia de hereditariedade [2, 59, 60]. Amplas generalizações são capturadas pelas construções que são herdadas por muitas outras construções; padrões mais limitados são capturados pela postulação de construções em vários pontos médios da rede hierárquica.

Padrões excepcionais são capturados por construções de baixo nível. Por exemplo, a construção “*What’s X doing Y?*”, que tem uma forma fixa e conota algum tipo de imprevisibilidade, captura um padrão na gramática do inglês. Ela herda propriedades de várias outras construções mais gerais, incluindo o Isolamento à Esquerda, a Inversão Sujeito-Auxiliar, as construções Sujeito-Predicado e construções de sintagma verbal [30].

Caixa 1. Questões para pesquisas futuras

- Existem generalizações sobre forma que não tenham sequer uma semelhança familiar abstrata ou uma generalização do tipo de categoria radial sobre função associada a elas?
- A aprendizagem de uma construção facilita o aprendizado de outras construções relacionadas?
- Qual é a relação entre frequências de tipo e de ocorrência na aquisição?
- Se os princípios que são específicos para a linguagem não estão inatos em nosso cérebro, como exatamente diferimos de outros primatas que não desenvolvem linguagem humana?
- Quão grande é o papel que os princípios gerais de processamento cognitivo desempenham na determinação de possíveis línguas?

Construções que abrangem uma totalidade

O que faz com que uma teoria que lida com construções possa ser considerada uma teoria “baseada em construções” é o princípio 7: a ideia de que a rede de construções captura nosso conhecimento de linguagem *in toto* – em outras palavras, são construções que abrangem uma totalidade.

Conclusão

As teorias construcionistas procuram explicar todo nosso conhecimento de linguagem como padrões de forma e função. Isto é, a abordagem construcionista não presume que a linguagem deva ser dividida em gramática “nuclear” e “periferia” a ser ignorada. Ao identificar construções, põe-se uma ênfase sobre aspectos sutis de interpretação e sobre forma de superfície. Generalizações translinguísticas são explicadas recorrendo-se às restrições cognitivas gerais em conjunto com as funções das construções envolvidas.

Generalizações específicas a uma língua ao longo de construções são capturadas por meio de redes de hereditariedade. Entende-se que o inventário de construções – que inclui morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões frasais totalmente abstratos lexicalmente preenchidos de forma incompleta – é aprendido com base no input juntamente com mecanismos cognitivos gerais.

REFERÊNCIAS

- 1 CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. Paris: Mouton & Co., 1957
- 2 LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind*. University of Chicago Press, 1987
- 3 LANGACKER, R.W. *Foundations of Cognitive Grammar (Vols I & II)*, Stanford University Press, 1987/1991
- 4 FILLMORE, C.J. et al. Regularity and idiomacity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language* 64, 501–538, 1988
- 5 WIERZBICKA, A. *The Semantics of Grammar*, John Benjamins Publishing, 1988
- 6 LAMBRECHT, K. *Information Structure and Sentence Form*, Cambridge University Press, 1994
- 7 GOLDBERG, A.E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*, Chicago University Press, 1995
- 8 GLEITMAN, L. et al. 'Similar' and similar concepts. *Cognition* 58, 321–376, 1996
- 9 THOMPSON, S.A. Information flow and dative shift in English discourse. In *Development and Diversity: Linguistic Variation Across Time and Space* (Edmondson, J., ed.), pp. 239–253, Summer Institute of Linguistics, Dallas, 1990
- 10 CULICOVER, P.W. and JACKENDOFF, R. The view from the periphery: the English comparative correlative. *Linguist. Inq.* 30, 543–571, 1999
- 11 ZWICKY, A. Dealing out meaning: fundamentals of syntactic constructions. *Berkeley Linguist. Soc.* 20, 611–625, 1994
- 12 WILLIAMS, E. Remarks on lexical knowledge. *Lingua* 92, 7–34, 1994
- 13 JACKENDOFF, R.T. wistin' the night away. *Language* 73, 534–559, 1997
- 14 SAG, I.A. English relative clause constructions. *J. Linguist.* 33, 431–484, 1997
- 15 WEBELHUTH, G. and ACKERMAN, F. *A Theory of Predicates*, CSLI Publications/Cambridge University Press, 1998
- 16 IWATA, S. *A Lexical Network Approach to Verbal Semantics*, Kaitakusha, Tokyo, 1998
- 17 SHIBATANI, M. Dative subject constructions 22 years later. *Stud. Linguist. Sci.* 29, 45–76, 1999
- 18 CULICOVER, P.W. *Syntactic Nuts: Hard Cases in Syntax*, Oxford University Press, 1999
- 19 VAN VALIN, R. Jr The acquisition of WH-questions and the mechanisms of language acquisition. In *The New Psychology of Language: Cognitive and Functional Approaches to Language Structure* (Tomasello, M., ed.), pp. 221–249, Erlbaum, 1998
- 20 CROFT, W. *Radical Construction Grammar*, Oxford University Press, 2001
- 21 JACKENDOFF, R. *Foundations of Language*, Oxford University Press, 2002
- 22 BYBEE, J. Main clauses are innovative, subordinate clauses are conservative: consequences for the nature of constructions. In *Complex Sentences in Grammar and Discourse: Essays in Honor of Sandra A. Thompson* (Bybee, J. and Noonan, M., eds) pp. 1–17, John Benjamins, 2001
- 23 BOOIJ, G. Constructional idioms, morphology, and the dutch lexicon. *J. Germanic Linguist.* 144, 301–329, 2002
- 24 LANGACKER, R.W. A usage-based model. In *Topics in Cognitive Linguistics* (Rudzka-Ostyn, B., ed.), pp. 127–161, John Benjamins, 1988
- 25 BARLOW, M. and KEMMER, S. *Usage Based Models of Grammar*, CSLI Publications/Cambridge University Press, 2000
- 26 ISRAEL, M. et al. From states to events: the acquisition of english passive participles. *Cogn. Linguist.* 11, 1–27, 2000
- 27 DIESEL, H. and TOMASELLO, M. The acquisition of finite complement clauses in English: a usage based approach to the development of grammatical constructions. *Cogn. Linguist.* 12, 97–141, 2001
- 28 VERHAGEN, A. From parts to wholes and back again. *Cogn. Linguist.* 1, 13–14, 2002
- 29 TOMASELLO, M. *Constructing a Language: A Usage-Based Theory of Language Acquisition*. Harvard University Press (in press)
- 30 KAY, P. and FILLMORE, C.J. Grammatical constructions and linguistic generalizations: the What's X doing Y? *construction. Language* 75, 1–34, 1999
- 31 MICHAELIS, L.A. and LAMBRECHT, K. Toward a construction-based model of language function: the case of nominal extraposition. *Language* 72, 215–247, 1996
- 32 LAMBRECHT, K. 'What, me worry?' Mad Magazine sentences revisited. Proc. 16th Annu. Meet. *Berkeley Linguist. Soc.*, pp. 215–228, University of California, 1990
- 33 GOLDBERG, A.E. Argument realization: the role of constructions, lexical semantics and discourse factors. In *Construction Grammar(s): Cognitive and Cross-Language Dimensions* (Fried, M. and O' stman, J.O., eds.), John Benjamins (in press)
- 34 ERTESCHIK-SHIR, N. Discourse constraints on dative movement. In *Syntax and Semantics* (Laberge, S. and Sankoff, G., eds) pp. 441–467, Academic Press, 1979

- 35 WASOW, T. **Postverbal Behavior**, CSLI Publications, 2002
- 36 CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**, MIT Press, 1965
- 37 CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**, Foris, Dordrecht, 1981
- 38 ELMAN, J. et al. **Rethinking Innateness: A Connectionist Perspective on Development**, MIT Press, 1996
- 39 PULLUM, G.K. and SCHOLZ, B.C. **Empirical assessment of stimulus poverty arguments**. *Linguist. Rev.* 19, 9–50, 2002
- 40 GOLDBERG, A.E. The Emergence of argument structure semantics. In **The Emergence of Language** (MacWhinney, B., ed.), pp. 197–212, Erlbaum, 1999
- 41 ISRAEL, M. Consistency and creativity in first language acquisition. *Proc. Berkeley Linguist. Soc.*, p. 29, 2002
- 42 LIEVEN, E.V.M. et al. Lexically-based learning and early grammatical development. *J. Child Lang.* 24, 187–219, 1997
- 43 TOMASELLO, M. Do young children have adult syntactic competence? *Cognition* 74, 209–253, 2000
- 44 SAFFRAN, J.R. The use of predictive dependencies in language learning. *J. Mem. Lang.* 44, 493–515, 2001
- 45 BIRNER, B. and WARD, G. **Information Status and Noncanonical Word Order in English**, John Benjamins, 1998
- 46 ZHANG, N. The interactions between construction meaning and lexical meaning. *Linguistics* 36, 957–980, 1998
- 47 FOLEY, W.A. and VAN VALIN, R. Jr **Functional Syntax and Universal Grammar**, Cambridge University Press, 1984
- 48 GARRY, J. and RUBINO, C., eds. **Facts about the World's Languages: An Encyclopedia of the World's Major Languages Past and Present**. H.W. Wilson, 2001
- 49 HAIMAN, J. **Iconicity in Syntax**, Cambridge University Press, 1985
- 50 GIVÓN, T. Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations. *Studies Lang.* 1, 85–114, 1991
- 51 KEMMER, S. and VERHAGEN, A. The grammar of causatives and the conceptual structure of events. **Mouton Classics: From Syntax to Cognition, From Phonology to Text**, pp. 451–491, Mouton de Gruyter, 2002
- 52 KLUENDER, R. On the distinction between strong and weak islands: a processing perspective. *Syntax Semantics* 29, 241–279, 1998
- 53 KLUENDER, R. and KUTAS, M. Subjacency as a processing phenomenon. *Lang. Cogn. Process.* 8, 573–633, 1993
- 54 ERTESCHIK-SHIR, N. The syntax-focus structure interface. In **Syntax and Semantics Vol. 29: The Limits of Syntax** (Culicover, P. and McNally, L., eds.), pp. 211–240, Academic Press, 1998
- 55 HAWKINS, J. **A Performance Theory of Order and Constituency**, Cambridge University Press, 1994

- 56 YAMASHITA, H.; CHANG, F. 'Long before short' preference in the production of a head-final language. *Cognition* 81, B45–B55, 2001
- 57 BAKER, M. **Verbs, Nouns, and Adjectives: Their Universal Grammar**. Cambridge University Press (in press), 2003
- 58 HAUSER, M.D. et al. **The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve?** *Science* 298, 1569–1579, 2002
- 59 POLLARD, C.J.; SAG, I. **Head-Driven Phrase Structure Grammar**, CSLI Publications/Cambridge University Press, 1994
- 60 GOLDBERG, A.E. **Words by default: inheritance and the Persian Complex Predicate Construction**. In **Mismatch: Form-Function Incongruity and the Architecture of Grammar** (Francis, E. and Michaelis, L., eds.), CSLI Publications (in press)